

# TORNAR-SE OUTRO CONTINUANDO A SER QUEM É

## Os encontros como processo de criação das colagens digitais *Retorno para as paisagens daqui (2022)* e *Devir-Sensível (2022)*

*BECOMING OTHER  
WHILE CONTINUING TO BE WHO YOU ARE  
Encounters as a creative process for the digital collages  
Retorno para as paisagens daqui (2022) and Devir-Sensível  
(2022)*

**Wagner Ferreira Previtali<sup>1</sup> e Rosângela Fachel de Medeiros<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo objetiva apresentar a forma como compreendo a ideia de encontro em minha produção artística a partir da atenção ao percurso de criação das colagens digitais *Retorno para as paisagens daqui (2022)* e *Devir-Sensível (2022)*. Acompanhado pelos escritos sobre cartografia (DA COSTA, 2014) e sobre a poética artística (REY, 2002), o processo de criação se dá em um determinado contexto, o retorno para Bagé, minha cidade natal. Passo a estabelecer novas relações com esse ambiente, recorrendo a considerações acerca de corpo, numa perspectiva espinosista (DELEUZE, 2002), e do território (DELEUZE, GUATTARI, 2012), além de retomar referências sobre a produção de imagens pela câmera (COMOLLI, 2008; SONTAG, 2004) a partir de uma atuação artística contextual (ARDENNE, 2006). Estar novamente em Bagé é o que me permite redescobri-la por meio dos encontros na cidade e dos reencontros com as imagens da infância.

Palavras-chave: poética visual, colagem, encontro, corpo, espaço urbano.

### Abstract

*This paper aims to present the way in which the idea of encounter is understood in my artistic production, based on the creation of the digital collages Retorno para as paisagens daqui (2022) and Devir-Sensível (2022). Accompanied by writings on cartography (DA COSTA, 2014) and artistic poetics (REY, 2002), the creative process takes place in a certain context, the return to Bagé, my hometown. I go on to establish new relations with this environment, taking into account considerations about the body, from a Spinoza perspective (DELEUZE, 2002), and the territory (DELEUZE, GUATTARI, 2012), as well as references about the production of images by camera (COMOLLI, 2008; SONTAG, 2004) based on a contextual artistic practice (ARDENNE, 2006). Being back in Bagé is what allows me to rediscover it through the encounters in the town and the reunions with childhood images.*

*Keywords: visual poetics, collage, encounter, body, urban space.*

<sup>1</sup> Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPEL/2022), bacharel em Cinema e Audiovisual pela UFPel.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CAPES), professora visitante do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

### Introdução

Este artigo é um recorte de uma reflexão acadêmico-artística mais extensa desenvolvida durante minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAVI) da UFPel, linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, entre os anos de 2020 e 2022. Essa pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Ingressei no PPGAVI UFPel em 2020, era o primeiro ano da pandemia de COVID-19, o que fez com que toda minha vivência do mestrado se desse de modo remoto. Em decorrência disso, retornei para viver esse período na casa e na cidade em que cresci, Bagé. Esse processo de isolamento e de retorno à minha cidade natal talvez reforçou a importância da ideia do “encontro” em meu percurso de investigação poética, questão que passo a buscar por meio de diferentes linguagens e proposições artísticas, tanto no que diz respeito ao ato de estar junto com outras pessoas, conhecidas e desconhecidas, quanto à perspectiva de estar consciente e de experimentar a minha presença no território. Intitulada *Não pretendo nada com isso! Poéticas visuais para encontros com Bagé*, a dissertação foi uma investigação sobre meu processo de criação, resultando em uma série de imagens fotográficas e audiovisuais motivadas por um desejo de estar presente na cidade.

Nesse artigo nos centraremos em dois dos trabalhos realizados durante esse período, nos quais busquei explorar imagetivamente a ideia do retorno e do encontro, ou melhor dizendo, do reencontro com minha cidade natal, são eles: *Retorno para as paisagens daqui (2022)* (Figura 1) e *Devir-Sensível (2022)* (Figuras 2, 3, 4 e 5), composições visuais construídas por meio de recortes e de justaposições de diferentes imagens fotográficas.

Para pensar a respeito do contexto artístico dessas produções busco aporte sobre a poética artística em Sandra Rey (2002) e retomo discussões sobre a produção de imagens pela câmera de Jean-Louis Comolli (2008) e de Susan Sontag (2004), tendo como paradigma poético e teórico a ideia de uma atuação artística contextual, como proposta por Paul Ardenne (2006). Para explorar as dimensões locais dessa poética recorro ao conceito de cartografia de Lucian Bedin Da Costa (2014) e à compreensão de território de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012). Já a dimensão corporal das produções foi abordada por meio de uma perspectiva espinosista, conforme trabalhado por Deleuze (2002).

Estar novamente em Bagé, atento às possibilidades dos encontros, foi o que me permitiu redescobri-la, muitas vezes e de muitas formas. Neste texto retomamos alguns desses encontros que se dão por meio das criações artísticas que permitem estabelecer novas relações com esse território. As colagens aqui apresentadas resultam desse reencontro com Bagé e desvelam tanto uma tentativa de reconciliação com o passado quanto o desejo de prospecção de novos futuros possíveis. Neste texto, descrevo os percursos que levaram à realização das obras, trabalhando a ideia de encontro em associação com o processo de criação das colagens digitais.

### As colagens

Como realizo uma colagem? Em minha vida, passei a explorar um modo de ser artista com o meu ingresso na Universidade Federal de Pelotas. Me lembro pontualmente de três momentos em que experimentei a técnica da colagem de imagens. O primeiro foi durante um curso voltado para a fotografia de moda, em um exercício no qual deveríamos procurar e recortar imagens que nos chamassem atenção das pilhas de

revistas de moda e cultura disponíveis para depois colarmos as imagens coletivamente. No segundo, fui convidado por um amigo a produzir imagens a partir de um poema escrito por ele. Dessa vez, procurei imagens na internet e fui salvando e recortando, motivado por imagens que o poema me suscitara, também usei imagens de livros que eu tinha em casa, fotografando-as e recortando a imagem digital no computador. Já o terceiro momento foi diferente, pois desta vez os trabalhos foram realizados a partir, e exclusivamente, de imagens fotográficas minhas, algumas realizadas por mim durante os anos de escrita da dissertação e outras que estavam guardadas em meus arquivos pessoais e foram retomadas no processo de criação artística. Esse terceiro momento será o foco deste texto.

A criação artística – a colagem ou justaposição – se dá através das vivências do corpo no território. A presença na cidade é o que permite a redescoberta com as imagens de Bagé e da infância lá vivida, passando a estabelecer novas relações nesse contexto. A escolha de fotografias minhas – num sentido amplo – para a realização das colagens diz respeito a essa pretensão contextual. Escrevo num sentido amplo, pois estão presentes dois tipos de *imagens minhas*, aquelas em que eu estou presente como ser fotografado – como objeto do olhar –, e aquelas em que eu estou presente como fotógrafo – como portador do olhar –, contextos fotográficos que se amalgamam nas colagens aqui apresentadas.

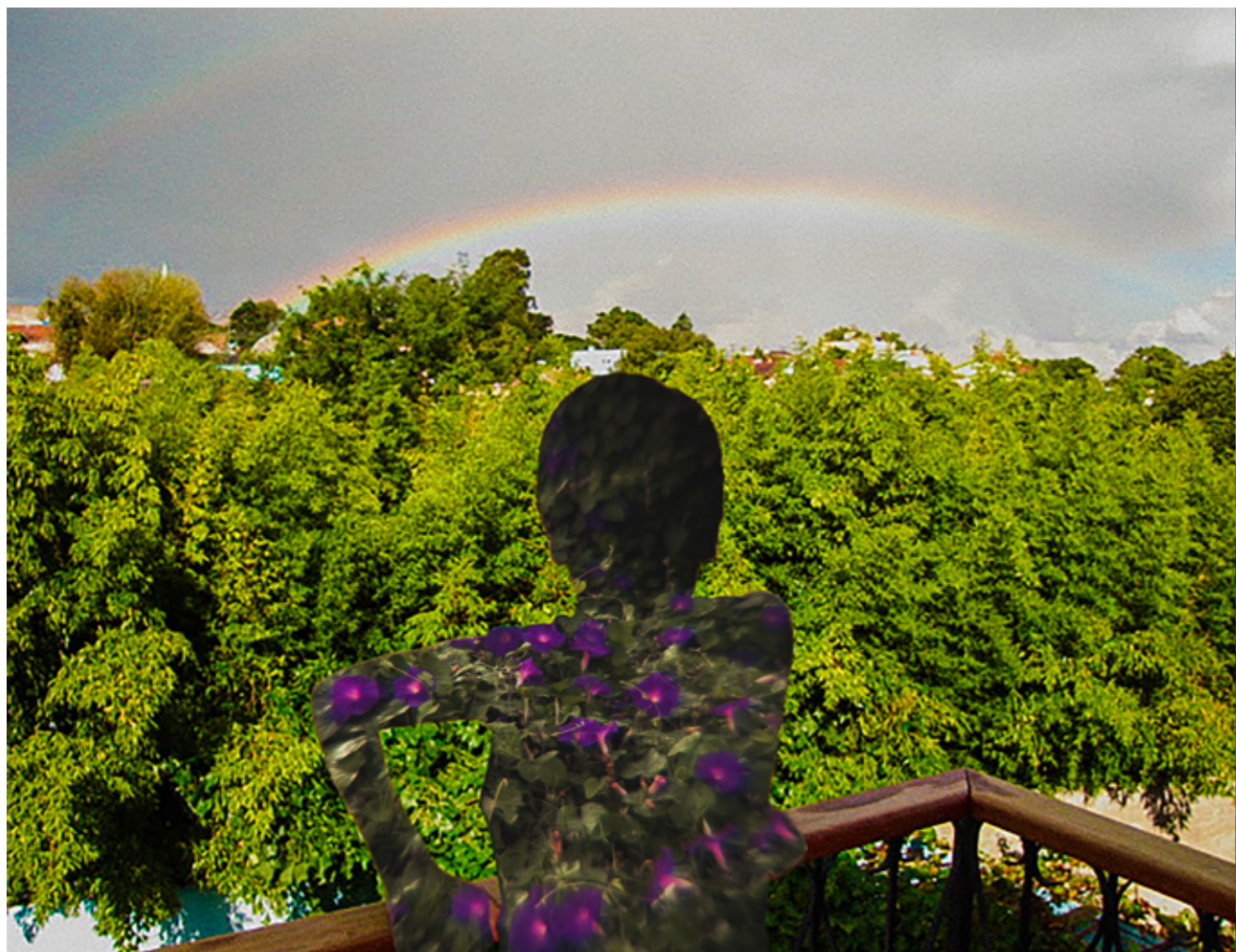
### Sobre o processo

Sandra Rey (2002) escreve que a pesquisa em arte se aproxima da utopia, por não possuir ainda “um lugar definido no presente” (2002, p. 129), as obras se fazem como o lançar de uma flecha na qual o resultado é definido pela trajetória. A criação artística é um processo posto em movimento. Eu comecei sabendo que queria produzir imagens sobre meu retorno para Bagé, mas sem saber exatamente o que, busquei por motivos para estar na cidade. No período em que iniciei a minha pesquisa vivíamos a necessidade de distanciamento social como forma de prevenção ao contágio da COVID-19, por isso, comecei minha investigação poética buscando em minha casa essa produção de imagens. Os retratos espalhados pela casa e meu arquivo fotográfico dos períodos vividos na cidade foram meus primeiros movimentos nesse território-Bagé, que eu agora voltava a habitar. A casa e o arquivo pessoal abriram perspectivas para outras relações com a cidade, as fotografias me situavam em diferentes partes de seu espaço e cada imagem despertava um tempo e uma memória, mesmo que às vezes inventada. Todas as imagens aqui apresentadas em que o corpo aparece recortado são desse arquivo que foi reencontrado por minha busca poética.

Meu projeto de pesquisa propunha a realização artística a partir do compartilhamento da experiência de habitar a cidade, assim recorri à cartografia e ao corpo para prestar atenção aos encontros nessa tentativa de produção de imagens. Da Costa (2014) explica que a cartografia é uma operação sobre o mundo, é pela “força dos encontros” que vai se formando o “território de pesquisa” (2014, p. 2). Com um desejo pelos encontros, busquei me pôr em movimento nos espaços da cidade, fazendo percursos, visitando lugares, inventando motivos para sair e começo a olhar em volta com disposição e abertura para ser afetado pela cidade. Momentos nos quais eu me perguntava: o que importa? Ou melhor, no sentido cartográfico, o que consigo portar (DA COSTA, 2014), que imagens carregou dos encontros?



Figura 1 – Retorno para as paisagens daqui, por Wagner Previtali. Fonte: Realização do autor. 2022.



Figuras 2, 3, 4 e 5 – Série: Devir-Sensível, por Wagner Previtali. Fonte: Realização do autor. 2022.

As imagens, conforme surgiam, seja pelo registro da câmera na cidade ou seja pelos achados no arquivo pessoal, eram escolhidas e tornavam-se parte do corpo da pesquisa, passando a fazer parte da produção de imagens sobre Bagé. Os encontros são entendidos a partir do corpo-que-sou, em processo artístico, que não se limita a encontros com outros corpos, mas também com as paisagens e a vida que as anima. Os meios pelos quais realizei os registros recolhem imagens do mundo que podem ser colocadas de volta no mundo como imagens artísticas. A máquina fotográfica também passa a compor junto com o corpo, aqui entendido em um sentido espinosista, a partir de Deleuze (2002), como uma infinidade de partículas em relações de repouso e de movimento, um corpo que afeta outros corpos e é por eles também afetado. Os encontros que o corpo vai estabelecendo, conforme é capaz de ser afetado, vão definindo o percurso de criação. Esse corpo que realiza a fotografia é um corpo-câmera, um mesmo corpo/extensão.

As escolhas se formam conforme se experimenta a cidade, experimentar aqui entendido como “adicionar algo novo (que está à luz do dia), mas também algo possível (que ainda não veio, que está por nascer)” (ARDENNE, 2006, p. 44, tradução do autor). Paul Ardenne (2006) compreende que em uma prática artística com intenções contextuais as regras vão se estabelecendo pelo processo, trabalhando assim por “uma arte do ‘mundo encontrado’” (ARDENNE, 2006, p. 28, tradução do autor). Ainda que, como aponta o autor (2006, p. 160), esse “compromisso” com a realidade não signifique nada “de sublime”, mas representa uma “promessa de transformação”. Como no relato da busca de imagens em revistas, busco com a câmera as imagens conforme vou percorrendo a cidade, assim recorro as imagens, enquanto possibilidade para esse corpo em relação. Me interessa a surpresa que virá dos encontros, o encontro surpreendente com uma imagem que faça sentido ser captada e que, eventualmente, faça sentido em ser reorganizada em uma nova construção visual.

A câmera implementa uma visão estética do mundo (SONTAG, 2004), nos permitindo estabelecer relações de interesse sobre o que é fotografado. Mas, por que o uso de imagens fotográficas *minhas* para a produção desses trabalhos? Devo isso a uma preferência do corpo e uma aposta em um sentido de me intrometer na cidade. Realizo os registros com câmeras digitais e com o celular a partir de diferentes proposições, tento provocar outras maneiras de estar presente pelo sincronismo do corpo que registra uma certa imagem, em que se partilha uma duração entre o corpo e o meio “Essa partilha é real (e não virtual). Ela extrai sua “verdade” da própria passagem do tempo, do desgaste partilhado do tempo, provocado pela máquina e, no mesmo instante, registrado por ela” (COMOLLI, 2008, p. 220). Apesar das colagens não terem relação com uma produção de verdade, a verdade dessas imagens é aqui pensada e pretendida num sentido de reforçar a presença do corpo que cria nos espaços da cidade, no compartilhamento do espaço/tempo.

Passei a investir nos registros como modo de provocar esse estar na cidade, explorando a presença do corpo no território. Bagé é entendida nesta pesquisa como um grande território, o território é um ato “que afeta os meios e os ritmos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 127), territórios podem ser grandes ou pequenos, e o corpo pode adentrá-los, fazer parte deles, se territorializar. Assim, apresentar fotografias, reagrupando-as através da colagem e justaposição, permitem outras relações com o tempo e o espaço. As fotografias são vestígios de algo que se passou, “uma foto nunca é menos do que o registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos) um vestígio material de seu tema” (SONTAG, 2004, p. 179), mas através da colagem esses vestígios ganham novos contornos, deixando de fazer referência ao que existiu, e em contrapartida, apontando para o que pode existir.

Os encontros não acontecem sem uma dose de acaso. O acaso é o desejo do movimento para esta poética, desejo de experimentar com o corpo, desejo do confronto e do encontro que o processo de criação artística permite em sua realização. O trabalho *Retorno para as paisagens daqui* (figura 1) começa com o reencontro com uma fotografia de minha infância, na qual apareço *pilchado*, termo que se refere à vestimenta tradicional do gaúcho, como a calça de bombacha, botas e o lenço vermelho no pescoço. Realizei essa montagem/colagem quando fui convidado a participar da exposição coletiva na Festa do Churrasco de 2022 em Bagé, evento anual do município. A temática da edição envolvia a tradição gaúcha e comecei a planejar uma construção visual a partir dessa fotografia da minha infância. Sou eu na foto, mas não me reconheço por completo, faço uso desse estranhamento como motor também para esse retorno.

É pelo estranhamento que me descolo das paisagens, é o incômodo que me leva a deslocar-me pela cidade e pelas memórias nela, esse incômodo se dá ao se perceber afetado pelo “que persiste em moldar os corpos e vidas” (AHMED, 2014, p. 238), buscando um modo diferente de habitar. Sara Ahmed (2014) nos explica sobre uma desorientação *queer*, que é um sentimento de estranheza, um sentir-se deslocado, como um efeito de apropriação de espaços previamente negados devido à cisheteronormatividade, que aqui relacionamos também com uma visão estereotípica da identidade gaúcha. Realizo a colagem combinando o registro fotográfico que fizeram de mim no passado a fotografias que produzi nesta vivência atual em Bagé, sendo cada imagem produzida em diferentes momentos e percursos na cidade. Ao mesmo tempo em que me sentia distante da criança na fotografia e com dificuldade de me conectar à minha terra natal e às suas tradições, buscava retomar esse território da infância. Para isso, fui estabelecendo relações com outras vidas na cidade, entre elas uma que era minha vizinha invisível, mas que de repente passei a ver, a Glória da Manhã, uma flor comum na região, que passei a fotografar recorrentemente.

Perceber em Bagé coisas diferentes do tradicionalismo gaúcho e do que me incomodava na cidade, “tanto pelo ambiente provinciano e coercitivo quanto pelo conservadorismo moral de dominação familiar” (MOURA, 2013, p. 38) era um dos critérios que estabeleci para a minha poética. Nas colagens aqui apresentadas, eu retiro minha imagem corpórea das fotografias fazendo com que a flor o substitua, pois feito ela, eu espero poder escapar pelas veredas, não coincidindo muito com a cultura tradicional local e constituindo novas paisagens.

### Sobre a cidade e suas/minhas imagens

Enquanto cidade do interior, compreendo em Bagé “um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade” (GONTIJO; ERICK, 2013, p. 31), sendo forte a discursividade que delimita posições relacionadas “às de crescer, multiplicar e se sustentar com o suor do seu próprio rosto” (GONTIJO; ERICK, 2013, p. 34). Bagé é uma cidade gaúcha de médio porte, localizada próximo ao Uruguai, sendo conhecida também como *Rainha da Fronteira*. Sua geografia é marcada pela presença dos cerros, dos arroios e do platô que a abarca (GUTIERREZ, 2011). A cidade está associada ao imaginário do gaúcho “macho”, bruto, estereótipo reconhecido e popularizado, por exemplo, pelas histórias do personagem Analista de Bagé, criado pelo escritor Luís Fernando Veríssimo.

“As noites de Bagé eram, para mim, principalmente duas coisas: cuscos e batuques.” assim definiu o escritor Francisco Botelho (2012) a sua percepção da cidade, adiciono a essas cartografia sonora o som do apito do trem, que nas noites da infância em meu quarto, eu ouvia quebrarem o silêncio da noite. O trem sempre me fazia pensar longe: de onde ele vinha? para onde ele ia?, seria possível pular nele para viajar?. Os sons dos cuscos, quando prestava atenção, me faziam imaginar que estavam

se comunicando uns aos outros nas distâncias da noite. Já os sons do batuque eu demorei para reconhecer. Sempre os ouvia de noite, mas quando pequeno eu não os reconhecia, criado nos limites das epistemologias católico-cristãs eu só fui entender sobre as religiões de matriz africana em Pelotas, a partir de minha participação no projeto de extensão Terra de Santo do Bacharelado em Antropologia da UFPel. Desde então, quando retorno para Bagé, as sonoridades que eu escuto à noite passam a fazer sentido, são os tambores das terreiras que preenchem a noite.

Talvez por ter saído de Bagé para ir estudar e morar em Pelotas, as distâncias produzidas tenham me permitido deslocamentos internos, fazendo com que outros desejos viessem à superfície. Sinto constantemente que posso conhecer melhor minha cidade natal a cada retorno, tendo me tornado também de certo modo outro corpo. “O Natal está fora” escreveram Deleuze e Guattari (2012, p.143) em *Acerca do Retorno*. Para os autores, o natal remete a um afeto próprio “de ser sempre perdido ou reencontrado, ou tender para a pátria desconhecida” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 153). É ao assumir uma posição de artista neste território ao qual retorno que reconheço uma percepção própria, que diz respeito a ser daqui e a voltar para cá, para essa pátria ainda desconhecida. “O natal consiste, portanto, numa descodificação da inatidade e uma territorialização do aprendizado, um no outro, um com o outro.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 153).

Escolhi fazer esses trabalhos a partir de Bagé pelas necessidades de retorno e pela crença de que havia como me reconhecer nessa cidade. Tentei me lembrar de impressões antigas sobre a cidade. Percorri uma série de imagens da infância na memória. Lembro-me das praças da cidade nas quais brincava; das idas para o campo; da sensação de andar em cima de um veículo do Jardim da Infância por uma avenida da cidade, em uma festividade referente ao feriado de 20 de setembro. Lembro-me das folhas das palmeiras e dá impressão de estar com medo delas me acertarem. Não sei se isso seria possível. As fotomontagens e as justaposições das fotografias são também tentativas de materializar uma compreensão da memória como fragmentada, mas também sua possibilidade de invenção, compreendendo a realidade como impossibilidade de total apreensão. As colagens dizem respeito a uma experiência de cidade compartilhada.

No caso de *Retorno para as paisagens daqui* (2022) (Figura 1) as imagens foram selecionadas a partir de diferentes exercícios fotográficos durante o período da dissertação, todos voltados à ideia de experimentar a cidade e de ser um corpo na cidade. Esses exercícios recorriam a associações com o que estava perto ou era encontrado. Em um, acompanho o percurso do arroio que passa atrás de minha casa, em outro, me desloco até lugares marcados em um mapa que era de meu pai, também, outras vezes, saía para a rua acompanhado de amigas e amigos indo em lugares que sugerissem ou nos deslocando até algum espaço previamente escolhido por nos chamar atenção. Às vezes, ainda, pedia a quem iria me acompanhar que escolhessem objetos para colocarmos na cidade, como fizemos, por exemplo, com a bandeira do arco-íris que representa os ativismos LGBTQIA+, presente em uma das fotos posicionadas na colagem. A seleção dessas fotografias realizadas em diferentes exercícios para a composição passa pelas memórias do corpo na cidade.

Além disso, provooco nessa série de exercícios do corpo uma prática que é associável à noção de colagem. De certo modo, também estamos recortando e colando imagens na cidade, rearranjando contornos e posicionamentos. Essas imagens são os corpos que se deslocam e que se posicionam em espaços, essas imagens são os objetos trazidos para enfeitar a cidade, são as memórias que passamos a figurar, são os tempos da cidade que passamos a integrar nem que seja por uma duração ínfima.

Eu olho com desconfiança para as imagens tradicionalistas da cidade. Recorto as imagens do meu corpo das fotografias, como se quisesse me tirar das paisagens. Ao mesmo tempo, para concretizar o desejo de retornar, estabeleço novas relações com essa paisagem por meio da colagem, são as fotografias das flores que se espalham pela cidade que vão tomar a forma de meu corpo.

Observo a presença dessas flores crescendo no terreno baldio próximo à minha casa, elas me chamam a atenção e eu passei a reparar como estavam presentes em diferentes locais da cidade, espalhando suas cores vibrantes sem pedir permissão. As identifico como sendo do gênero *Ipomoea*, caracterizadas por sua capacidade de se espalharem pelos espaços vazios e bordas que encontram, “em terrenos baldios, beira de estradas e borda de matas” (MIOTTO et al, 2009, p. 449) me associo a elas nessa busca por ocupar a cidade. Conhecidas como Glória-da-manhã, essas flores se abrem ao nascer do dia e se fecham à noite. Para poder registrá-las com calma eu as procurei nas manhãs dos fins de semana.

Talvez as flores se espalhem por vontade própria e brotem onde não deveriam estar, em alguns lugares penso nessas flores como extensões do arroio, querendo tocar a terra por cima. Talvez elas sejam uma expressão da *natureza naturante* que vai invadindo aos pouquinhos o domínio *naturado* da cidade. Durante as manhãs de inverno, quando eu saía a procurá-las, percebia que a maior parte delas estava congelada, porém quando a primavera chegou novamente, elas voltaram a se espalhar.

Eu fotografei as flores antes de saber para que eu iria usar suas imagens, as fotografei porque queria experimentar fotografá-las. Só depois é que me associei a elas, quando decidi produzir algo utilizando fotografias nas quais eu aparecia. Quis utilizar registros de diferentes etapas do meu crescer na cidade, mas ao mesmo tempo eu queria me esconder, queria me retirar das paisagens. Utilizei a *Ipomoea* para representar essa distância que eu desejava estabelecer ao mesmo tempo que para demarcar uma aproximação. Assim, que nem as flores que sempre estiveram na cidade, mas que eu só passei a reparar recentemente, começo a repensar minha presença neste território e essa transformação que é um modo de ser artista. As imagens de meu corpo que recorto das fotografias da série *Devir-Sensível* (2022) (Figuras 2, 3, 4 e 5) são etapas de desenvolvimento de um menino que começava a conhecer a fotografia e a reparar os elementos nas paisagens do mundo, como o arco-íris, os campos ou as ruínas.

É pelos encontros que ao habitar a cidade fui compondo diferentes partes dela, ou, com a cidade fui me compondo de modos diferentes. O corpo territorializado toma partes do território que compõe e as desloca na construção de produções artísticas, associando diferentes espaços e tempos numa tentativa de compartilhar a cidade e de formar uma nova organização. Imergir contextualmente (ARDENNE, 2006, p. 33) envolve essa reapropriação que busca reformular sentidos por meio de uma desterritorialização/reterritorialização daquilo que envolve o acontecimento artístico, as imagens produzidas através da colagem são desenvolvidas pela presença na terra natal.

### Abertura e fechamento

Nesse texto escrevi a partir do corpo-que-sou, mas o encontro só ocorre com o que está além do corpo. Para acontecerem os encontros é preciso que haja algo em volta que seja possível encontrar, disso depende toda a vida: “Decerto o ser humano está longe de ser o único a se servir das coincidências percebidas, a desviá-las, a drená-las, a mobilizá-las, a controlá-las [...]. Mas para isso é preciso que nas cercanias (*environs*) exista de quê” (DELIGNY, 2015, p. 58). Do mesmo modo, sinto que nas colagens as

imagens vão chamando umas às outras para sua construção, dependem do que há em volta para se estabelecer.

Como escreveu o compositor pelotense Victor Ramil: “pampa e gaúcho estavam ali porque eu me transportara ao fundo do meu imaginário, lá onde, tanto um como o outro, têm o seu lugar” (RAMIL, 2004, p.18). Passo a perceber que aquilo que sempre esteve à volta — as flores, os arroios ou a pampa como paisagem em si —, mesmo sem que eu percebesse, me constituem. Ao longo da pesquisa/prática poética desenvolvida no mestrado realizei esses e outros exercícios de produção de imagens a partir de Bagé, de suas paisagens e das pessoas com as quais divido esse território, porém nesse texto resolvi focar em minha experiência pessoal com a cidade. Durante o período da pesquisa fui também me aproximando de outras pessoas do campo das artes, da comunidade universitária e de militância da causa LGBTQIA+ na cidade.

É nesse estar junto que percebo os modos de fazer a cidade, como nos propõe Agier (2015), a todo momento, em diferentes frentes, margens e fronteiras. Junto a essas pessoas, a essas paisagens e aos processos que nos configuram, me interessa buscar expandir as compreensões sobre o que é essa cidade e o que significa estar nela e habitá-la. Mas, talvez, o que eu tenha conseguido realmente foi expandir os modos pelos quais sou afetado pela cidade. De repente, como num estalo, por meio deste fazer percebo ser da cidade, me sinto parte de Bagé, feito quando entendemos que uma colagem está completa - quando os acasos conectados em uma imagem de repente fazem sentido. Nesse processo, as imagens que produzi foram etapas de meu próprio fortalecimento e de meu processo de reconhecimento nesse percurso que é tornar-se outro, mas continuar a ser quem é.

## Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483–498, 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 mar 2023.

AHMED, Sara. *La política cultural de las emociones*. Universidad Nacional Autónoma de México, 2014.

ARDENNE, Paul. *Un arte contextual: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación*. Murcia: Cendeac, 2006.

BOTELHO, Jose Francisco Botelho. Vagamundo Bageense. *Jornal Tabaré*, 2012. Disponível em: <<https://jornaltabare.wordpress.com/2012/11/07/vagamundobageense/>>. Acesso em: 23 mar 2023.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Ed. UFMG, 2008.

DA COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*, v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106583>>. Acesso em: 14 jun 2021.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Acerca do Ritornelo. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 121-179.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. *ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/3181>> Acesso em: 14 jun 2022.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; NEUTZLING, Simone. O patrimônio urbano da rainha da fronteira. Bagé. RS. *Revista Memória em Rede*, v. 3, n. 5, p. 63-78, 2011.

MIOTTO, Silvia Teresinha Sfoggia et al. Sinopse das espécies de Ipomea L.(Convolvulaceae) ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências: Brazilian Journal of Biosciences*. Vol. 7, n. 4 (out./dez. 2009), p. 440-453, 2009.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. *O imaginário como mística do ensino em Sociologia: sobre a “atenção imaginante” nas narrativas visuais de Bagé*. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero : metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Editora Companhia das Letras, 2004.